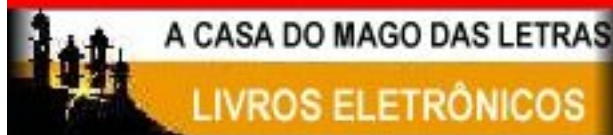


# BÁRBARA A SELVAGEM



**L P BAÇAN**



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

## A CASA DO MAGO DAS LETRAS LIVROS ELETRÔNICOS



[www.lpbacan.net](http://www.lpbacan.net)  
[www.portalcen.org](http://www.portalcen.org)  
[www.viladasartes.org](http://www.viladasartes.org)  
[www.avllb.org](http://www.avllb.org)  
[www.perolaparana.net](http://www.perolaparana.net)

**Direitos exclusivos para língua portuguesa:**

**Copyright © 2007 L P Baçan**

**Pérola — PR — Brasil**

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita  
desde que sejam preservadas as características originais da obra.

## CAPÍTULO 1

Warren MacFeet, delicadamente, afastou o braço que dominava seu corpo e se levantou. Pela janela, a claridade filtrada através das cortinas iluminava vagamente o corpo de Susy.

Ele ficou em pé, ao lado da cama, indagando-se: quem era Susy? Não fazia diferença. Todas eram iguais, deliciosamente iguais.

Mudavam os nomes, mas no fundo todas eram iguais e isso era terrivelmente monótono. Aquele corpo nu a sua frente era igual a todos os outros, nas curvas e reações.

Essas observações nada tinham de irônico ou depressivo. Do mesmo modo, nada de anormal se passava com ele, a não ser o fato de que tudo era fácil demais.

Já não era como no princípio, quando conseguira sua independência financeira e se atirara sofregamente em busca de um tempo perdido.

Dedicara toda sua juventude aos estudos. Mal podia se lembrar de uma ou outra garota durante esse período. Lembrava-se apenas dos livros e daquela febrilidade em vencer, ser sempre o primeiro.

O sucesso e o dinheiro lhe acenaram com aventuras que nunca sonhara. Era incrível como alguém importante era amado e desejado pelas mulheres.

Um fascínio indiscutível parecia emanar de seu corpo, sempre seguro e confiante, e contagiar as mulheres por onde passava.

Aquilo se tornava monótono, como a monotonia de quem vê sempre a mesma coisa e, de repente, apesar de sabê-las parte de sua vida, deseja evitá-las, criando um conflito interior entre o hábito e o desejo de renovar.

Warren se sentia assim, caminhando pelo apartamento, naquele seu dia de folga no hospital. Susy era uma das enfermeiras e nunca escondera sua admiração por ele.

Na cozinha, enquanto derrubava duas pedras de gelo no copo de uísque, Warren olhou o calendário na parede. Pensou em sua formatura e pensou em seu trabalho no hospital.

Há quase dois anos estava lá, ganhando fama como um dos maiores cirurgiões do país. Suas mãos eram elogiadas pela classe médica e pela totalidade das mulheres que tinham o privilégio de senti-las sobre seu corpo.

Olhando o calendário, Warren se lembrou de que, em alguma parte, se iniciava a temporada de salmão. A pesca fora sua distração preferida enquanto ainda freqüentava a Universidade.

A palavra férias soou deliciosa aos ouvidos de Warren. A idéia lhe pareceu tentadora. Seria um modo de se localizar em si mesmo, de pôr as coisas dentro de si em ordem.

Seria um modo de entender aquele estranho paradoxo que, agora, o forçava na direção do quarto, onde sabia encontrar Susy, nua e deliciosa, pronta a recomeçar tudo.

Era um hábito, talvez um vício, sem sentido aparente e sem um fim determinado, mas algo que punha fogo em suas veias e fazia seu coração pulsar depressa.

A companhia de uma mulher, fosse ela quem fosse, sempre o punha confuso. Quando satisfeito em seus desejos, pensava como minutos atrás. A medida que o desejo se reacendia, Warren apenas as via como a coisa mais importante de sua vida.

Entrou no quarto. Susy estava sentada na cama, esfregando languidamente os olhos. Sorriu ao vê-lo. Jogou os cabelos para trás e se levantou.

Seus seios vibravam a casa passada. Suas coxas tinham a elasticidade de um felino, relaxando-se soltas e contraindo-se, em seguida, firmes e elegantes.

Ela juntou os braços diante do corpo, apoiando-os no peito de Warren, enquanto erguia a cabeça e buscava os lábios dele.

Warren a enlaçou com seus braços, apertando-a com força e sustentando-a no ar.

— O que está tomando? — indagou ela, quando ele a soltou.

— Uísque. Quer um pouco?

— Não, prefiro um pouco daquele vinho. Há alguma pizza no forno ainda?

— Penso que sim.

— Estou com fome — disse ela, deixando-o.

Warren voltou o corpo para observar aquela cintura delgada que se alargava para os contornos arredondados de seus quadris.

Suas nádegas eram roliças e firmes, despertando apetites incontroláveis dentro dele. Warren sorriu e a seguiu até a cozinha.

Susy terminava de amarrar um avental diante do corpo, minúsculo o bastante para nada esconder. Ela ligou o forno e aguardou, bebericando um resto de vinho.

— Você quer um pedaço? — perguntou ela.

— Não, almocei muito bem, coisa que raramente faço.

— O que vamos fazer à noite?

— Ainda não pensei nisso. Tem alguma idéia?

— Por que ficamos aqui mesmo? — surgiu ela, sorrindo com malícia.

Warren se aproximou dela, enlaçando-a por trás. Suas mãos dominaram os seios da garota, massageando-os delicadamente.

Susy movimentou seus quadris de um lado para outro. Suas nádegas despertaram a virilidade total de Warren. A garota soltou um gritinho, fingindo escândalo, e tentou fugir aos braços dele.

— Warren, a pizza vai queimar — protestou ela, sem muita veemência, enquanto ele a levantara no ar e a punha sobre o tampo de mármore da pia.

— Warren, está frio! — protestou ela, enquanto ele a beijava no pescoço.

— Vamos tratar de aquecer isso então, Susy — sugeriu ele, sugando-lhe os seios com volúpia.

Uma de suas mãos buscava a feminilidade da garota. Susy se excitava facilmente e isso era ótimo.

— Warren, a pizza... — lembrou ela, sem muito interesse, beijando-o nos cabelos e acariciando-lhe as costas.

— Assaremos outra — propôs ele, os lábios descendo pelo ventre de Susy e fazendo-a

apertá-lo com mais força contra o corpo.

— Adoro você — disse ela, a ponta dos pés massageando desordenadamente a parte mais rija e sensível do rapaz.

Ele a acariciou até o delírio. Era uma espécie de embriaguez aquele desejo violento de sentir a garota vibrar e suspirar, gemer e até gritar, o corpo abalado por espasmos de prazer.

Ela suplicou por ele agarrando-o pelos cabelos e puxando-o para cima. Os lábios de Warren eram incansáveis, sua língua nada deixava a desejar em matéria de habilidade às mãos famosas de cirurgião.

Era maldoso e delirante seu método que deixava Susy sem forças e sem Fôlego, sensações incendiárias dominando seu ventre e seu corpo.

A excitação total para Warren estava no delírio da companheira. Talvez isso justificasse sua fama entre as garotas e os comentários que se espalhavam pelo hospital a cada fim de semana.

— Warren... Venha... — suplicou Susy, a voz entrecortada por suspiros de êxtase.

Warren, finalmente, endireitou o corpo e a penetrou num golpe. Susy estendeu as coxas para frente, firmando-se ao corpo dele.

Warren a beijava e acariciava com loucura, enquanto repetia, em ritmo frenético, seus movimentos de quadril. Susy provou novamente o delírio e o êxtase, o clímax seguido e intenso.

O frenesi de Warren, repentinamente, cessou. Ele apertou o corpo de Susy contra os eu e se sentiu esvair na deliciosa e estonteante chegada ao fim da paixão.

A pizza estava irremediavelmente queimada e partida.

\*\*\*

Warren relaxava o corpo, apoiando à mesa. Susy reclinara o corpo para trás, apoiando as costas contra a parede.

— Olhe o que você fez — disse ela, sem se importar realmente com o que ele fizera.

— Isso é uma reclamação? — retrucou ele, afastando uma cadeira para se sentar.

Susy levantou o corpo preguiçosamente e desceu de seu pedestal.

— Quem o vê cabisbaixo não sabe de suas proezas — falou ela, com malícia, apontando para alguma parte no corpo de Warren.

Ele sorriu e estendeu a mão para dar um tapa carinhoso nas nádegas de Susy. Ela deu um ligeiro salto, sorrindo divertida.

Quando abriu o forno, uma nuvem nada agradável a fez tossir e se afastar. Ela desligou o botão do gás e deixou a porta aberta, até poder retirar a forma.

Olhou Warren com desalento nos olhos. Ele começou a rir. Susy o imitou, atirando a forma sobre a pia.

— Veja na geladeira. Há massa prontas. A cobertura você pode fazer como quiser, sabe onde estão os ingredientes.

Ela sorriu e caminhou até ele, abraçando-o.

— É um privilégio, não? — comentou ela.

— Do que está falando?

— Estar aqui.

— Não a entendo — disse ele, beijando-a nos ombros.

— É o desejo secreto de todas as enfermeiras livres e, posso garantir, da maioria das outras também.

— Apanhe um cigarro para mim — pediu ele, lisonjeado.

— Como não, doutor — brincou ela, indo até o quarto, de onde retornou com dois cigarros acesos.

Passou um para as mãos de Warren e foi para a geladeira. Warren ficou pensando no que ela dissera. Apesar de já saber daquilo, era agradável, mesmo sendo monótono.

As enfermeiras haviam até criado uma espécie de código de honra entre elas, estabelecendo uma escala. Warren poderia ter uma enfermeira-assistente fixa, se o desejasse.

Acontece que elas haviam criado um sistema de rodízio entre elas. A cada semana uma delas o auxiliava. Isso era excitante no início, mas monótono no final.

As segundas-feiras sempre traziam alguma surpresa e expectativa para ele. Imaginar qual delas seria a sua companheira da semana.

Agora, no entanto, havia algo de vulgar no sorriso da garota que surgia em seu consultório na segunda-feira. Ela vinha decidida e insinuante e ambos sabiam o que viria a seguir.

Não era, após algum tempo, um jogo excitante. Warren apenas o mantinha porque, mais forte que a monotonia ou a vulgaridade, estava o seu desejo de homem.

Tentara várias algumas vezes, namorando uma das garotas fora da escala. Era incrível como disfarçavam o que sentiam em respeito ao código que elaboraram.

Ele passava a maior parte de seu tempo no hospital. Quando não estava lá, tinha de estar pronto a retornar com a maior rapidez.

Isso estragara algumas tentativas em buscar fora dali outro tipo de aventura. Havia um tipo diferente de excitação no fato de abordar uma garota num clube ou numa boate.

Havia mais interesse no jogo, justamente porque seu final era imprevisível. Sua disponibilidade e necessidades do hospital, no entanto, haviam lhe tirado boas oportunidades de levar isso adiante.

Olhando Susy se mover pela cozinha, cantarolando feliz e satisfeita, Warren duvidava de si mesmo. Estariam aquelas garotas servindo-o ou usando-o?

— Em que está pensando? — indagou Susy, terminado de pôr a assadeira no forno.

— Estou pensando em deixar queimar essa pizza também — respondeu ele, maroto.

— Oh, não, Warren — protestou ela, recuando. — Estou com fome, palavra.

— Eu estava brincando.

— Ainda não me respondeu, então — falou ela, indo sentar-se no colo dele para abraçá-lo e morder seu pescoço.

Warren deslizou a mão pelo corpo dela. Sua pele era quente e delicadamente acetinada. Seus seios tinham formas arredondadas. Os bicos estavam eriçados.

— Susy, quanto tempo um homem pode agüentar sem tirar umas férias decentes? — indagou ele, de repente.

— Do que está falando?

— De mim, é claro. Estou há quase dois anos no hospital e não me lembro de ter estado fora de lá por mais de vinte e quatro horas seguidas...

— Você está exagerando. Deve ter participado de uns três ou quatro congressos...

— Aqui na cidade. E me lembro muito bem de ter sido chamado enquanto estava lá.

— Pretende tirar férias?

— Sim, estou pensando seriamente na idéia.

— Onde pretende ir?

— Pescar salmão!

\*\*\*

Warren estivera ruminando a idéia durante todo o dia anterior. Tinha pronto todos os detalhes capazes de lhe garantir isso.

Naquela segunda-feira, logo que chegou ao hospital, aguardou pela enfermeira-assistente da semana. A pobrezinha talvez tivera uma bela decepção.

Logo que entrara, apanhara com a portaria a escala de visitas daquela manhã, bem como o prontuário médico das intervenções cirúrgicas que seriam realizadas à tarde.

Warren se interessava particularmente por essa última. Em seu consultório, pôs-se a analisar a pequena relação.

Havia uma operação para logo após almoço. Era um problema simples, o Dr. Stormer poderia fazê-la. Uma outra, mais complicada, poderia ser realizada pelo Dr. Vanoe, diretor do hospital.

Lembrou-se, em seguida, de que cada um daqueles médicos também receberam uma relação como aquela. Bem menor, Warren sabia.



Sua fama o fazia mais requisitado pelos próprios pacientes. Apesar disso, não seria difícil para o hospital passar três ou quatro semanas sem ele.

Bateram à porta. Warren levantou os olhos para encarar sua assistente da semana. Ele a conhecia. Era Margareth Payne, loura e elegante.

— Bom dia, doutor — cumprimentou ela, com aquele sorriso habitual em todas elas na segunda-feira.

— Bom dia, Margareth.

— Deve iniciar sua escala dentro de cinco minutos, doutor.

— Sei disso, Margareth — disse ele, tomando o telefone e ligando para a sala do diretor.

Foi atendido pela secretária. O Dr. Vance estava em alguma parte do hospital. Warren desejava falar com ele à hora do almoço, que a secretária o avisasse.

Após desligar, ficou olhando para Margareth. A garota foi incapaz de se manter séria. Seu rosto se abriu num sorriso cúmplice.

Warren não pode evitar de sorrir também. Margareth era particularmente, deliciosa. Poderia parecer magra dentro daquele guarda-pó, mas Warren sabia como alguém poderia se enganar, baseado nisso.

Tratara de uma apendicite na garota e, por isso, conhecia muito mais do que a maioria dos outros.

— Podemos começar? — indagou ela.

— Sim, claro — disse ele, apanhando sua maleta.

Até a hora do almoço, Warren conversou, examinou, ouviu queixas e ficou chocado algumas vezes. Muita coisa acontecia num grande hospital como aquele. Mesmo o médico mais insensível não estava livre de momentos de tensão ou mesmo sentimentalismo.

Quando terminou as visitas, tinha um intervalo de uma hora, antes de iniciar a parte mais agitada de seu dia, isso quando não lhe surgia um caso de emergência.

Encontrou-se com o Dr. Vance e lhe falou de sua idéia. O diretor relutou. Warren era imprescindível no hospital.

## CAPÍTULO 2

A notícia se espalhou rapidamente pelo hospital. O Dr. Warren MacFeet sairia em férias no final da semana. As enfermeiras todas sentiam que o hospital não seria o mesmo sem ele.

A mais desconsolada de todas elas era, naturalmente, Margareth Payne. A garota maldisse sua falta de sorte, mas jurou que faria tudo que estivesse ao seu alcance para não perder a oportunidade.

Tendo conseguido suas férias, Warren passava todo seu tempo livre pensando num bom local. Queria pescar, isso era certo. Queria, no entanto, liberdade total.

Um hotel não entrava em seus planos. Queria algo mais íntimo e isolado, onde pudesse estar a sós e repousar. Teria, assim, muito tempo para pensar em si mesmo e em tudo que acontecia a sua volta.

Por mais que tentasse imaginar, não conseguia descobrir um bom local, adequado ao seu intento. Talvez houvesse se precipitado naquelas férias.

Deveria ter feito aquilo com um pouco mais de tempo, decidindo-se inicialmente pelo local e depois marcando uma data.

Três dias depois de obter do Dr. Vance a aprovação, ainda não havia chegado a uma conclusão. Encontrasse ou não uma saída, teria de entrar em férias no final da semana. Toda a escala do hospital já havia sido refeita. Após cumprir seu plantão no sábado noite, não haveria, ali, um trabalho para ele, a não ser três semanas depois.

Margareth Payne, enquanto isso, entregou-se com toda a sua dedicação na tarefa de servi-lo. Era eficiente e pontual. As vezes parecia ler os pensamentos de Warren, antecipando-se a ele.

Não fosse a sua preocupação com as férias, Warren teria percebido logo que a garota era especial, muito especial.

Havia pouco trabalho naquela noite de quinta-feira. Warren estava na cantina do hospital tomando um café. Margareth foi a sua procura.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

